



A DESPEDIDA

Quatro décadas depois, ainda me lembro do último dia em que vi minha irmã

POR MICHAEL TAN

MÃE, CHEGUEI –, anunciei ao entrar em nosso apartamento, de volta da escola. Normalmente, mamãe respondia, me mandando tomar banho, comer e fazer os deveres de casa. Mas nesse dia, 14 de março de 1961, só silêncio.

Entrei no quarto. Mamãe estava sentada à penteadeira, as lágrimas escorriam-lhe pela face. “Sua irmã morreu esta manhã”, ela disse. Fiquei lá, parado, sem saber o que dizer. Tinha 10 anos, e o conceito de morte não tinha significado concreto para mim.

Tentava entender a situação, quando encontrei a pasta escolar de Elizabeth, em cima de uma mesa no quarto. A pasta retangular marrom parecia aguardar para ser resgatada por sua dona. Ajoelhei-me, passando as mãos lentamente pela superfície do objeto, tentando sentir a presença de minha irmã. Abri a pasta.

Tudo estava bem arrumado – os cadernos de um lado, os livros do outro, o estojo de lápis no meio. Havia também a faixa preta de elástico que ela usara nos cabelos quando fora para o colégio naquela manhã.

Retirei alguns de seus cadernos. Conforme virava as páginas, podia ver os comentários dos professores aos seus exercícios de inglês: “Bom” e “Muito bom”. No entanto, via-se que matemática não era o seu forte. Havia também um livro de inglês cujo canto superior direito tinha uma mancha azul-escura – eu acidentalmente derramara um vidro de tinta em seus livros.

Cuidadosamente, devolvi tudo ao seu lugar e me perguntei se ela ficaria zangada por eu ter mexido em suas coisas.

“Ela vai voltar?”, eu perguntava à minha mãe. “Por que ela teve de morrer?” Mamãe não conseguia me consolar.

Naquela noite, fiquei na varanda observando os ônibus que paravam no ponto do outro lado da rua. Esperava vê-la saltando de um deles, qualquer um, mas não fui feliz.

“Ela vai voltar?”, eu continuava a perguntar à minha mãe. “Por que ela não volta? Por que ela teve de morrer?” Mamãe não conseguia me consolar nem dar respostas satisfatórias para minhas perguntas incessantes.

Por volta das nove da noite, uma borboleta preta voou para dentro da cozinha. Ela bateu asas no saguão e pousou no alto, em uma parede. “Não a espante”, disse mamãe.

Quando fui para cama naquela noite, a borboleta estava empoleirada no mesmo lugar, mas na manhã

seguinte já tinha partido. Só então me lembrei do que havia acontecido dois dias antes.

Naquela noite, como de costume, eu esperava pelo ônibus que iria trazer minha irmã da escola para casa. Vários ônibus chegaram e partiram, mas nem sinal dela. Comecei a me preocupar. Por fim, a vi saltando do ônibus exatamente quando as luzes da rua estavam bruxuleantes.

Corri para a porta porque minha irmã, às vezes, me dava balas quando chegava em casa. Não naquela noite – ela estava com pressa. Explicou que

esquecera de terminar um trabalho de arte para entregar no dia seguinte.

Logo depois de tomar banho e jantar, minha irmã concentrou-se na tarefa escolar. Uma única lâmpada amarela acesa, não muito forte, lançava uma sombra dela no chão quando começou a trabalhar em sua pintura. Fui para a mesa para ver o que ela estava fazendo. “Não derrame minha tinta”, ela avisou.

Minha irmã dividiu um pedaço retangular de papel de desenho em doze quadrados iguais, quatro horizontais e três verticais. Em cada um, pintou a mesma borboleta, com um contorno forte em preto. Cada borboleta tinha antenas enroladas e asas triangulares. As asas tinham li-

nhas inclinadas e pontinhos. Ela deixou que eu a ajudasse a colorir o fundo de cada quadrado. Preenchi alternadamente com rosa e amarelo. Era tarde quando terminamos.

Então, no dia seguinte à morte dela, lembrei que a borboleta que voara em nosso apartamento parecia-se muito com as de sua pintura.

TODAS AS MANHÃS, minha irmã saía muito cedo para pegar o ônibus para a escola. Geralmente, eu ainda estava dormindo, mas, no dia em que ela morreu, por algum motivo acordei às 5 e meia. Saí do quarto e a vi apressada, se aprontando para a escola. Naquela manhã, ela não teve tempo de terminar o café.

O vão da escada em nosso prédio era muito escuro e eu segurei a porta aberta para que a luz de nosso apartamento pudesse ajudá-la a enxergar os degraus. Ela saiu por volta das 6 horas.

“Até logo, irmão”, ela gritou, quando saiu.

Eu nem imaginava que essa seria a última coisa que ela me diria. Ainda me lembro da última imagem de-

la descendo a escada, suas costas viradas para mim. Estava usando um uniforme escolar azul. Uma das mãos segurava a pasta e a outra balançava, enquanto descia os degraus.

Ela só tinha 14 anos.

ANOS DEPOIS, eu soube que minha irmã era na verdade minha irmã adotiva. Não tinha importância – sentia que a ligação entre nós continuava forte apesar de tantos anos. Mesmo agora, queria que pudesse ter parado o tempo na noite da véspera de sua morte.

Por décadas, eu não soube a causa da morte de minha irmã – só me contaram que ela fora encontrada caída no banheiro da escola e que não pôde ser reanimada. Entretanto, só recentemente obtive uma cópia do atestado de óbito, que dizia que sofrera uma hemorragia cerebral.

Acredito que a borboleta que voou em nosso apartamento tenha sido minha irmã voltando para nos fazer uma última visita antes de prosseguir para a próxima vida. Um dia, eu também farei essa viagem e finalmente a verei outra vez.

FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

- Nunca desista de um sonho. Se não encontrar numa padaria, procure na próxima.
- À beira de um precipício, só há uma forma de andar para a frente: é dar um passo para trás.
- Roubar idéias de uma pessoa é plágio. Roubar de várias é pesquisa.
- Se emperrar, force. Se quebrar, precisava trocar mesmo...

